



Clínica Psicopedagógica: o que o sintoma pode nos dizer?

Resumo

Este trabalho tem por objetivo apresentar a Psicopedagogia como área de conhecimento interdisciplinar, bem como seu objeto de estudo que é a aprendizagem humana e os ruídos que podem aparecer neste processo. A Psicopedagogia pode ser compreendida a partir de duas modalidades: clínica e a institucional, sendo que este estudo buscar oferecer visibilidade à psicopedagogia clínica, a partir do tripé da mediação estabelecida por meio da avaliação, intervenção e compreensão singular do processo de aprendizagem do sujeito. Sendo assim, ressalta-se que a clínica psicopedagógica busca compreender a queixa escolar por meio do processo de avaliação psicopedagógica, refletindo sobre o modo como as dificuldades de aprendizagem se instalam não apenas na materialidade do déficit da habilidade pedagógica, mas, sobretudo, disparadas por processos de significações subjetivas, que nomeamos de sintomas na aprendizagem. É justamente na relação entre desejo e conhecimento, ou seja, entre as dimensões objetivas e subjetivas do processo de ensinar e aprender que o sintoma na aprendizagem pode ser compreendido e remediado.

Palavras-chave: psicopedagogia; subjetividade; aprendizagem.

Psychopedagogical Clinic: what can the symptom tell us?

Abstract

This work aims to present Psychopedagogy as an interdisciplinary area of knowledge, as well as its object of study, which is human learning and the noise that may appear in this process. Psychopedagogy can be understood from two modalities: clinical and institutional, and this study seeks to offer visibility to clinical psychopedagogy, based on the tripod of mediation established through evaluation, intervention and unique understanding of the subject's learning process. Therefore, it is emphasized that the psychopedagogical clinic seeks to understand the school complaint through the psychopedagogical evaluation process, reflecting on the way in which learning difficulties are installed not only in the materiality of the pedagogical skill deficit, but, above all, triggered by processes of subjective meanings, which we name symptoms in learning. It is precisely in the relationship between desire and knowledge, that is, between the objective and subjective dimensions of the teaching and learning process that the symptoms in learning can be understood and remedied.

Keywords: psychopedagogy; subjectivity; learning.

INTRODUÇÃO

A Psicopedagogia é uma área de conhecimento interdisciplinar, que busca compreender os processos da aprendizagem humana de forma integradora, ou seja, inclinando-se a conhecer os fatores envolvidos nos percursos de aprendizagem, sejam eles saudáveis ou patológicos. Neste sentido, mobiliza a sua ação tanto em mediações de remediação como de prevenção, sendo o profissional que “ocupa-se do processo de



aprendizagem considerando os sujeitos e sistemas, a família, a escola, a sociedade e o contexto social, histórico e cultural” (Artigo 1º do Código de Ética do Psicopedagogo).

De acordo com a neurocientista Elvira Souza Lima (2009), aprendemos porque temos a capacidade de simbolizar e de criar memórias. O conhecimento surge da vida em sociedade, é socializado por meio de muitas formas de comunicação entre os seres humanos, entretanto, sua efetivação é individual. Logo, a aprendizagem é uma experiência singular, que embora possibilitada por meio de capacidade orgânica, se materializa a partir do modo singular como cada sujeito se aproxima dos objetos de conhecimento. Ou seja, do modo como a experiência do aprender se concretiza. Dito de outra forma, o que a pessoa aprende fica guardado em seu corpo, a partir das memórias de competências técnicas, mas também socioafetivas.

É, justamente, nesta interface entre conhecimento e desejo, isto é, as dimensões subjetivas e objetivas das relações entre aprender e ensinar que a Psicopedagogia busca compreender o sintoma no processo de aprendizagem. Ou seja, compreender a queixa escolar para além das suas significações de materialidade numa correlação entre as experiências simbólicas que significam o ato de aprender. Compreende-se por significações de materialidade as dificuldades de aprendizagem que se concretizam no baixo aproveitamento dos conteúdos escolares.

Nesta interface entre as experiências biológicas e socioafetivas, acrescenta Paín (2009): a objetividade instaura a realidade, isto é, aquilo que nós consideramos real, que está fora de nós, cujas leis não podemos modificar. Podemos repensar, mas não podemos anular essas leis. Por outro lado, o subjetivo se instaura na irregularidade, se constitui na esfera do desejo e é o que nos diferencia como pessoa singular.

Desse modo, Fernández (2001), afirma que a dificuldade de aprendizagem não é de ordem individual. O sintoma está ancorado numa rede de vínculos familiares e escolares, que funcionam juntos, como uma estrutura individual particular. É também por meio dessas lentes que a clínica psicopedagógica busca compreender a queixa escolar, refletindo sobre o modo como as dificuldades de aprendizagem se instalam não apenas na materialidade do déficit da habilidade pedagógica, mas, sobretudo, disparadas por processos de significações subjetivas, que nomeamos de sintomas na aprendizagem.

Considerar o sujeito aprendente em sua integralidade pode possibilitar ao psicopedagogo compreender a queixa na aprendizagem de forma complexa, buscando um caminho de intervenção e/ou remediação mais assertivo.

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada por meio do procedimento de revisão bibliográfica, de natureza qualitativa e objetivo exploratório, buscando apresentar a Psicopedagogia como área de conhecimento interdisciplinar, bem como seu objeto de estudo que é a aprendizagem humana e os ruídos que podem aparecer neste processo.

De acordo com Gil (2002), entende-se por pesquisa bibliográfica a leitura, a análise e a interpretação de material impresso. Segundo Creswell (2010), é possível que na pesquisa bibliográfica se utilize diferentes concepções filosóficas, estratégias de investigação, métodos de coletas, análise e interpretação dos dados. Nesta pesquisa foram utilizadas obras clássicas e contemporâneas, por meio de análise qualitativa.

A seleção das informações se deu pelo estudo sistemático de publicações clássicas da Psicopedagogia dinâmica, buscando estabelecer uma correlação entre o conceito de sintoma,



a partir da abordagem psicanalítica e sua transposição para a compreensão da queixa escolar, a partir da mediação psicopedagógica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Podemos começar a nossa reflexão lembrando que o objeto de estudo da Psicopedagogia é a aprendizagem humana e as dificuldades que possam surgir nesse processo. Sendo assim, a Psicopedagogia se constitui como uma área de conhecimento interdisciplinar, cujo arcabouço teórico se organiza a partir de inúmeras contribuições, como: psicologia, pedagogia, neurologia, fonoaudiologia, psiquiatria, psicanálise, psicomotricidade, dentre outras áreas e ciências afins. Desta forma, a psicopedagogia busca compreender o processo de aprendizagem do ser humano, entendendo-o como sujeito biopsicossocial e as várias facetas que colaboram ou interferem para o aprendizado do indivíduo (Bossa, 2019).

Considerando esta descrição, poderíamos até compreender a Psicopedagogia como uma área de conhecimento peculiar, mas comum. No entanto, é no modo de compreender a queixa apresentada, logo, o sintoma na aprendizagem, que a Psicopedagogia se mostra de modo singular, compreendendo o sujeito aprendente de forma complexa, numa relação entre objeto de conhecimento, ensinante primário e secundário. Compreende-se por vínculo primário as relações parentais de cuidados, sejam elas estabelecidas pela família biológica, instituição ou aqueles que exercem as funções primordiais de acolhimento, proteção e afeto. Já por vínculo secundário, compreende-se as relações de aprendizagem construídas por meio da mediação escolar e cultural.

Sendo assim, a psicopedagogia considera o sujeito como um ser cognoscente, único e transcendente, que busca ao longo de sua existência a apropriação de sua formação integral, seja em sua constituição psíquica, motora, orgânica, intelectual, cultural, social, afetivo e emocional. É a partir desta integralidade que nos tornamos humanos, bem como aspirantes a alcançar nossos desejos (Fernández, 1991; Oliveira, 1995).

Faremos uso da imagem de um pêndulo para simbolizar o que nomeamos por um processo de aprendizagem, que se constitui de modo complexo. Nesta compreensão, precisaremos recorrer a Sara Paín (2009) e Alicia Fernández (1991), as considerando como precursoras da Psicopedagogia que conhecemos e aplicamos no Brasil. As teóricas apresentadas são importantes ícones da Psicopedagogia, não apenas em seu berço contemporâneo, que é a Argentina, mas no Brasil e em outros países que adotaram acolher as contribuições da Psicopedagogia Clássica ou Dinâmica, como Espanha e, principalmente, Portugal.

Para conceituar a Psicopedagogia Dinâmica, recorreremos às contribuições de Rubinstein (2014), explicando que as lentes epistemológicas utilizadas para compreender a queixa escolar, logo o sintoma na aprendizagem, repousam nas contribuições de Paín (2009), Fernández (1991), Visca (2010), por meio das contribuições teóricas de Jean Piaget, Sigmund Freud e Pichón-Riviére.

Trazer Paín e Fernández (2009; 1991), para a nossa reflexão diz muito do lugar de onde construímos a nossa compreensão sobre a área, que se ancora no pêndulo já mencionado anteriormente. Para compreender o sujeito que aprende, o sujeito que ensina e sua relação com os objetos de conhecimento, convidamos os teóricos Jean Piaget e Sigmund Freud, cuja interpretação da Psicopedagogia Clássica ou Dinâmica compreende o aprender ancorado na relação entre subjetividade e objetividade, logo, entre desejo e conhecimento.



Da Epistemologia Genética de Jean Piaget herdamos compreender o sujeito epistêmico, aquele que se constitui a partir da dimensão orgânica, das habilidades cognitivas, executivas, dos saltos qualitativos e quantitativos que estruturam os marcos do desenvolvimento. Da Psicanálise de Sigmund Freud significamos as estruturas simbólicas de corpo e desejo. Deste lado do pêndulo, não dizemos corpo enquanto compreensão biológica, mas a partir de uma estrutura alógica, que se constitui por meio de diversos olhares, toques e cuidados que recebemos na nossa relação primária, ou seja, dos cuidadores, sejam biológicos ou não, que nos apresentam a nossa humanidade, que nos inclui num processo civilizatório de existir.

Segundo Paín, (2009), os níveis de estruturação da aprendizagem constituem-se em quatro pilares: organismo, inteligência, corpo e desejo. Organismo e inteligência são conceitos relacionados tanto a nossa herança biológica como às nossas habilidades cognitivas, executivas e conativas. Por outro lado, corpo e desejo, são conceitos oriundos da Psicanálise e dizem respeito a nossa rede de vínculos, às nossas memórias e significações que se ancoram em estruturas simbólicas, por vezes, inconscientes.

O corpo é o veículo para internalizarmos os sentimentos de vivências, transformadas em pensamentos, os quais buscarão a realização do que falta, o que falta se tornará a representação simbólica do desejo, conforme descreve (Paín, 2009, p. 62): “O desejo é uma representação que vem ocupar o lugar da falta. Não é a falta, mas a representação que lhe ocupa o lugar. Só se pode desejar o que não tem”. Para esse desejo ser realizado ocorrerá a pulsão para a concretização do desejo. “A pulsão tem a ver, também, com o querer e nesse sentido está vinculado com a realidade”. (Id).

Os quatro níveis de estruturação da aprendizagem são estruturas que permitem incorporar o desejo e o conhecimento do outro e que, em geral, organismo e corpo são tratados conjuntamente, contudo, nos alerta que na ordem da aprendizagem é importante separá-los. (Id). Diferente da nossa herança biológica, herdada pelo organismo, o corpo necessita ser subjetivado, constituído na relação, no toque, no olhar, isto é, a partir de um investimento psíquico.

É deste lado do pêndulo, da subjetividade, do símbolo, do desejo e das estruturas alógicas, que trazemos o conceito de sintoma. No significado do conceito, o sintoma pode ser compreendido como algo a ser diagnosticado, medicado, a fim de que brevemente esteja silenciado. No entanto, o sintoma a partir das contribuições da Psicanálise e de outras áreas do conhecimento que tratam da nossa psique, como a Psicologia Analítica, assume outro lugar; o sintoma assume um protagonismo na queixa apresentada.

Em sua obra: “A interpretação dos sonhos”, Freud em 1900, faz a seguinte definição para o conceito de sintoma: “O sintoma é a expressão simbólica de um conflito psíquico entre tendências contraditórias incompatíveis entre si” (Freud apud Andrade, 2002, p. 59).

A Psicopedagogia considera o sintoma na aprendizagem como sinal de um conflito inconsciente, um descompasso entre a demanda subjetiva e a produção objetiva. Desta forma, o sintoma não é problema em si, mas expressa e comunica um desequilíbrio entre organismo e subjetividade. Faz-se necessário compreender a queixa na aprendizagem em sua generalidade, buscando estabelecer relações e correlações entre os 4 níveis de estruturação da aprendizagem. No entanto, é de suma importância atentar-se ao lugar do simbólico, a interface entre a estrutura subjetiva e objetiva, isto é, a relação entre conhecimento e desejo.

O sintoma sempre tem algo a nos dizer, porque ele é a categoria simbólica que o nosso ego permitiu romper da estrutura inconsciente para ser materializado na experiência. Isto é, o sintoma é o ponto visível de um enorme iceberg. Esta ponta visível é o sintoma, que passou a



elencar nossa experiência consciente. Entretanto, continua a ser apenas a ponta deste enorme iceberg, pois a base desta estrutura ainda continua submersa nas nossas significações, no nosso inconsciente.

A partir deste pressuposto, o sintoma sempre tem algo a nos dizer, por isso a clínica psicopedagógica não se confunde com reforço escolar, tão pouco com tutoria pedagógica. Ambas as práticas citadas são possíveis e eficazes, quando a avaliação psicopedagógica não identificar um sintoma, mas sim uma queixa escolar, isto é, uma necessidade de retomada mais ampla e eficiente do conteúdo tratado.

No entanto, quando a avaliação psicopedagógica evidencia um sintoma, no conceito subjetivo já descrito, tanto a tutoria pedagógica quanto o reforço escolar não serão caminhos eficazes de intervenção. Ancorar a compreensão na rede de significações que compõem esse sintoma é tarefa para um psicopedagogo com boa técnica, cuja formação privilegiou compreender o sujeito aprendente, a partir de suas múltiplas dimensões: sociais, afetivas e cognitivas.

É neste caminho que a subjetividade instala a fratura, a irregularidade, aquilo que deverá ser compreendido na mediação psicopedagógica. Quais significações o sujeito aprendente traz da cultura, da família, da escola e de suas próprias experiências?

É deste lugar que precisaremos encontrar o sentido do sintoma, o motivo de ele ter se instalado na aprendizagem, na relação entre aprender e ensinar. Este é o lugar da Psicopedagogia que se propõe a ser mais do que uma repetição do que o sujeito já realiza na experiência escolar, se propõe a compreender como o símbolo do pêndulo subjetividade X objetividade instaura a ordem psíquica da realidade e do desejo.

“O organismo se doméstica, se acostuma, se medita; o corpo ensaia, se equivoca, se corrige, aprende”.
Sara Paím

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mediação da psicopedagogia clínica se estrutura em duas etapas de ação, sendo a primeira a avaliação, que pretende compreender a queixa de aprendizagem inicial, assim como significar os sintomas apresentados estabelecendo uma correlação entre os 4 níveis de estruturação da aprendizagem, que são: corpo, organismo, inteligência e desejo. A segunda etapa compreende o que nomeamos por intervenção e/ou remediação, cuja sequência de mediações desenvolvidas buscam sanar ou minimizar as queixas apresentadas.

Desta forma, o trabalho psicopedagógico clínico implica compreender a situação de aprendizagem do sujeito aprendente em sua integralidade, a partir da contextualização da queixa escolar. Sendo assim, mesmo contando com um protocolo clínico de avaliação psicopedagógica, bem como um conjunto de orientações para compor as atividades posteriores de intervenção e/ou remediação, cada sujeito é único e requer do profissional da aprendizagem atitudes específicas em relação ao trabalho desenvolvido.

A postura ética diante da prática profissional, requer do terapeuta da aprendizagem, a construção de um olhar interdisciplinar, na medida em que irá atribuir sentido ao que está sendo observado. A mediação psicopedagógica clínica busca compreender os desvios e obstáculos que se impõem ao processo de aprendizagem, além da própria configuração da



modalidade de aprendizagem do sujeito aprendente, ou seja, o modo como ele se relaciona com os objetos de aprendizagem.

O exercício da mediação psicopedagógica se configura na interface entre avaliar e intervir, considerando que o sujeito aprendente expressa uma posição singular diante do aprender. Desta forma, identificar as hipóteses das dificuldades de aprendizagem ou do não-aprender, em que momento pode ter se dado a ruptura com o objeto de conhecimento e em quais dos aspectos isso ocorreu e por quê, podem ser elementos norteadores de uma boa avaliação psicopedagógica, cuja compreensão do conceito de sintoma, pode servir como elemento decisivo no processo de intervenção e/ou remediação da dificuldade de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ABPP. *Código de ética do Psicopedagogo*. Disponível em:

<https://www.abpp.com.br/documentos_referencias_codigo_etica.html>. Acesso em agosto. 2023.

ANDRADE, M. S. *A escrita inconsciente e a leitura do invisível: uma contribuição às bases teóricas da Psicopedagogia*. São Paulo: Memnon, 2002.

BOSSA, N. A. *A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática*. 5. ed. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2019.

CRESWELL, J. W; CRESWELL, J. D. *Projeto de pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Penso, 2010.

FERNÁNDEZ, A. *A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família*. Tradução de Iara Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 1991.

FERNÁNDEZ, A. *Os idiomas do Aprendente: análise das modalidades ensinantes com famílias, escolas e meios de comunicação*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.

LIMA, E, S. *Currículo, Cultura e Conhecimento*. São Paulo: Inter Alia, 2009.

OLIVEIRA, M. K. de. *Vygotsky Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico*. 2ª ed. São Paulo: Scipione, 1995.

PAIN, S. *Objetividade e subjetividade: relação entre desejo e conhecimento*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

RUBINSTEIN, E. R. *O estilo de aprendizagem e a queixa escolar: entre o saber e o conhecer*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014.



VISCA, J. *Clínica Psicopedagógica: Epistemologia Convergente*. São José dos Campos: Pulso, 2010.

Submetido em fevereiro de 2024

Aprovado em maio de 2025

Informações do(a)s autor(a)(es)

Nome do autor: Aline Aparecida Perce Eugenio

Afiliação institucional: Universidade Santo Amaro

E-mail: apeugenio@prof.unisa.br Universidade Santo Amaro

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-6026-7408>

Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9932609965314172>